

Ministro das Relações Exteriores denuncia impacto do bloqueio dos EUA no povo cubano

Image not found or type unknown

Discurso do Ministro das Relações Exteriores da República de Cuba, Bruno Rodríguez Parrilla, na apresentação do projeto de resolução A/79/L.6, intitulado "Necessidade de pôr fim ao embargo econômico, comercial e financeiro imposto pelos Estados Unidos da América contra Cuba". Nova York, 30 de outubro de 2024.

Senhor Presidente:

Distintos Representantes Permanentes:

Prezados delegados:

Durante cinco dias, de sexta-feira, 18, a quarta-feira, 23 de outubro, as famílias cubanas foram privadas de eletricidade, com a preocupação de que os alimentos estragassem e fosse impossível ou muito caro substituí-los, e muitas delas não tinham água corrente.

Os hospitais funcionaram em condições de emergência e as escolas e universidades suspenderam as aulas. As entidades interromperam suas atividades e as essenciais mantiveram apenas as vitais. A economia foi paralisada.

Em 20 de outubro, o furacão Oscar atingiu a parte leste do país, devastando Holguín e especialmente Guantánamo, uma província onde uma base naval dos EUA está invadindo nosso território. Apesar dos esforços árduos e eficazes da Defesa Civil cubana, reconhecida internacionalmente, oito pessoas morreram, incluindo uma menina de 5 anos, e 2 estão desaparecidas.

Os municípios de Imías, San Antonio del Sur, Maisí e Baracoa sofreram grandes danos. Fotos de satélite mostraram o país apagado, além disso, sujeito a fortes ventos e chuvas torrenciais.

Foi impressionante a serenidade, a compreensão, a confiança, a conscientização e a mobilização de todo o povo em solidariedade aos vizinhos e aos vulneráveis, juntamente com 52.000 abnegados e heróicos trabalhadores do setor elétrico que, longe de suas famílias, trabalharam ininterruptamente e realizaram uma façanha, juntamente com nosso Partido, Governo, Forças Armadas Revolucionárias e o Ministério do Interior e órgãos do Poder Popular.

A principal causa da falha do Sistema Elétrico Nacional foi a falta de combustível que afetou a geração e causou instabilidade associada ao estado precário de nossas usinas, ambas consequências diretas das medidas extremas de guerra econômica aplicadas pelo governo dos Estados Unidos desde 2019, especificamente projetadas para impedir o fornecimento de combustível e de partes e peças para manutenção técnica de nossas usinas e instalações elétricas, bem como para dificultar o investimento e o acesso ao financiamento.

Superamos a grave contingência de eletricidade, mas a normalidade para os cubanos inclui apagões prolongados e frequentes que afetam as residências e os serviços fundamentais.

A geração de eletricidade em nosso país é altamente dependente de combustíveis importados. Sabe-se, no entanto, que o governo dos EUA aplicou uma política de pressão máxima, violando o direito internacional, com o objetivo de privar Cuba de suprimentos de combustível de terceiros países, por meio de sanções e intimidação contra produtores e fornecedores, transportadores e seguradoras. Em apenas um ano, o governo anterior dos EUA sancionou 53 navios e 27 empresas associadas a remessas para Cuba.

O prejuízo causado à economia cubana por 18 dias de bloqueio chega a 252 milhões de dólares. Esse dinheiro que nosso país perde ou deixa de receber seria suficiente para garantir a manutenção de nossas usinas termelétricas, para adquirir as peças de reposição que garantiriam o funcionamento normal dessas usinas e para evitar cortes de energia.

Os danos causados por 5 meses de bloqueio são equivalentes ao total das importações anuais de combustível cubano, que são, em média, de cerca de 2 bilhões de dólares.

A administração do presidente Joseph Biden declara com frequência que "ajudar e apoiar o povo cubano" é sua política. Quem pode acreditar nisso?

Somos profundamente gratos pelas expressões significativas de solidariedade com Cuba e pelas ofertas de cooperação recebidas nos últimos dias de muitas nações.

Sr. Presidente:

A economia cubana passou por dificuldades sem precedentes nos últimos anos, com um impacto crítico sobre o bem-estar da população. Nosso povo sofre diariamente. Nosso governo está trabalhando incansavelmente para encontrar soluções para um desafio tão adverso. É uma obrigação inescapável e extremamente difícil.

As causas dessa situação são diversas, como podem ser para qualquer país. São tanto internas, quanto derivam de eventos internacionais, que estão além de nossa capacidade de ação.

O que é único, o que é extraordinário com relação a Cuba, é a determinação deliberada dos Estados Unidos de sufocar a economia nacional, sabotar e colocar obstáculos significativos para impedir nosso crescimento e desenvolvimento.

Nenhum país, mesmo aqueles com economias muito mais robustas do que a de Cuba, poderia enfrentar uma agressão tão brutal, assimétrica e prolongada no tempo sem um custo considerável para o padrão de vida de sua população.

Os Estados Unidos buscam enviar uma mensagem de castigo.

Com o bloqueio econômico contra Cuba, o imperialismo está alertando o mundo inteiro de que qualquer nação que se atreva a defender firmemente sua soberania e a construir seu próprio futuro pagará um preço por sua rebeldia.

Ninguém pode duvidar da capacidade que os Estados Unidos têm hoje de atacar com força devastadora a economia de qualquer nação.

No caso de Cuba, isso vem sendo feito há 64 anos.

Os Estados Unidos estão cientes de que violam a Carta das Nações Unidas e a lei internacional com essa agressão implacável.

Estão cientes de que violam as regras internacionais de comércio e navegação. Aplicam ou ameaçam medidas coercitivas contra cidadãos de qualquer nação, suas empresas e instituições financeiras, caso comercializem ou mantenham relações econômicas com Cuba.

Qualquer pessoa que leia a infame Lei Helms-Burton dos Estados Unidos verá como essa legislação obriga o Presidente e suas instituições governamentais a exercer pressão sobre outros países, a interferir em suas relações com Cuba, a estender seu braço coercitivo extraterritorialmente e a impô-lo dentro das fronteiras dos demais Estados membros dessa Organização.

O bloqueio contra Cuba é uma guerra econômica, financeira e comercial e se qualifica como um crime de genocídio. É uma violação flagrante, maciça e sistemática dos direitos humanos de nosso povo. É o sistema mais abrangente e prolongado de medidas coercitivas unilaterais que já foi aplicado contra qualquer país na história.

Como seria Cuba hoje se tivesse podido contar com os 164 bilhões de dólares que o bloqueio nos privou desde sua imposição? Esse prejuízo chega a 1 trilhão 499 bilhões 710 milhões de dólares, se for levado em conta o comportamento do dólar em relação ao valor do ouro.

O que é surpreendente é que, nessas condições extremas, Cuba construiu uma obra social de renome mundial e protegeu a vida dos cubanos, com um compromisso inabalável de não abandonar nem excluir ninguém.

Sr. Presidente:

Desde 2017, a administração anterior dos EUA começou a impor medidas coercitivas adicionais contra Cuba para fortalecer ainda mais o bloqueio econômico.

Foi um compromisso político anunciado pelo então presidente desde que foi eleito, com o objetivo de desfazer o discreto progresso na relação bilateral que Cuba e os Estados Unidos experimentaram entre 2015 e 2016.

No contexto da pandemia da COVID-19, essas medidas escalaram para uma dimensão extrema, ainda mais perversa e prejudicial, chegando ao extremo de impedir a compra de oxigênio e ventiladores pulmonares.

O presidente Joseph Biden, com surpreendente mimetismo, deixou intacto o regime coercitivo de seu antecessor e o aplicou com plena consciência de suas consequências devastadoras para as famílias cubanas.

Durante sua presidência, o bloqueio causou perdas a Cuba de mais de 16 bilhões de dólares. Isso significa que cada dia em que essa política criminoso está em vigor custa ao nosso país 14 milhões de dólares.

Essas são quantias exorbitantes para qualquer nação, ainda mais para uma economia pequena, insular, em desenvolvimento e sem grandes recursos naturais, como a de Cuba.

O abrangente Relatório apresentado pelo Secretário-Geral das Nações Unidas, em virtude da resolução 78/7, que contém as valiosas contribuições de 183 Estados Membros e 35 Agências, Fundos e Programas do sistema das Nações Unidas, demonstra claramente as terríveis consequências do bloqueio para a população e a economia cubanas e, devido ao seu efeito extraterritorial, para outros países.

Isso pode ser visto na deterioração e instabilidade dos serviços e suprimentos básicos que os cubanos puderam usufruir durante décadas como resultado de políticas de equidade e justiça social, incluindo eletricidade, saúde, educação, abastecimento de água, serviços comunitários, transporte público, produção de alimentos e medicamentos, todos os quais exigem e para os quais os escassos recursos financeiros do país não são suficientes.

Mais de 80% da nossa população só conheceu Cuba com bloqueio. Todos os jovens cubanos tiveram que viver em um país bloqueado. A família cubana sofre o mal-estar e a dor da separação imposta artificialmente por medidas desumanas que afetam a todos e se expressam em altas taxas de emigração. Seria impossível ignorar o fato de que o endurecimento extremo do bloqueio é a principal razão que levou um número significativo de jovens cubanos a optar por meios temporários ou permanentes de realização pessoal fora da Ilha, o que tem um impacto devastador sobre as famílias e a pátria.

Senhor Presidente:

O direito à alimentação é um direito humano. O custo acumulado de quatro meses de bloqueio econômico é equivalente a 1,6 bilhão de dólares. Essa quantia permitiria garantir, durante um ano, a entrega a todas as famílias cubanas da cesta básica de alimentos que a população desfruta há décadas e que hoje não é suficiente para satisfazer todas as necessidades, mas atende às indispensáveis a preços altamente subsidiados.

As medidas de bloqueio se traduzem na eterna agonia de encontrar os recursos para pagar as remessas oportunas que o país contrata e que são tão necessárias para o consumo da população.

O prolongado bloqueio econômico também tem um impacto muito grave na produção de alimentos em Cuba, dificultando a disponibilidade de combustível, sementes, fertilizantes, ração animal, pesticidas e outros insumos, além das dificuldades já descritas para o transporte e a disponibilidade de eletricidade.

É sabido, já que os Estados Unidos o manipulam até a exaustão e os senhores certamente ouvirão de seu representante nos próximos minutos, que, em virtude de disposições legais que datam do ano 2000, o governo desse país permite, dentro da proibição absoluta de exportações para Cuba, que excepcionalmente sejam exportados alimentos por meio de licenças.

Essas vendas são unidirecionais e estão sujeitas a limitações extraordinárias, incluindo a proibição de crédito ou financiamento de qualquer tipo para essas transações.

A permissão é concedida somente para vendas à vista e com pagamento antecipado. Os produtos só podem ser transportados em navios dos EUA, que retornam vazios aos seus portos de origem.

Dada a necessidade de cobrir as necessidades de consumo de alimentos da população, Cuba vem usando essa possibilidade limitada há anos, mesmo com suas condições draconianas. Mas essas transações poderiam se transformar em comércio real e serem muito mais dinâmicas se o bloqueio não existisse.

O próprio governo, que autoriza essas vendas, priva Cuba dos recursos financeiros necessários para importar, inclusive alimentos ou insumos para a indústria alimentícia, de qualquer país do mundo, não apenas dos Estados Unidos.

O direito humano à saúde deveria ser sagrado. Cuba é capaz de produzir cerca de 60% de seus medicamentos básicos. Esse potencial não foi garantido nos últimos anos devido à extrema intensificação das medidas contra nosso país, que custaram vidas, aumentaram a mortalidade infantil e reduziram a expectativa de vida dos cubanos.

Bastaria ter o dinheiro que Cuba está deixando de receber com 25 dias de bloqueio, o que equivale a 339 milhões de dólares, para garantir por um ano a produção e a disponibilidade de antibióticos, analgésicos, hipotensores e muitos outros medicamentos essenciais que nossos doentes, incluindo crianças, idosos e mulheres grávidas, necessitam.

Com 12 milhões de dólares, Cuba poderia comprar a insulina necessária para todos os nossos diabéticos. Em um único dia, o bloqueio causa perdas superiores a esse valor.

O prejuízo causado por 9 dias de bloqueio é equivalente aos 129 milhões de dólares necessários para importar o material médico descartável utilizado anualmente em nosso país, incluindo algodão, seringas, cateteres, agulhas e suturas, entre outros suprimentos e todos os reagentes necessários para o sistema nacional de saúde.

15 minutos de bloqueio significam uma perda de 144 mil dólares para Cuba, que é o dinheiro que precisamos para adquirir as próteses necessárias para nossas crianças e adolescentes com deficiência auditiva.

Ainda é impossível ter acesso a equipamentos médicos, tratamentos e medicamentos adequados de empresas norte-americanas, que temos de comprar a preços exorbitantes de intermediários, ou substituí-los por genéricos menos eficazes, mesmo para recém-nascidos e crianças doentes.

O governo dos EUA está bem ciente do impacto direto e indireto que sua política tem sobre o sistema de saúde cubano. Ele está bem ciente do sofrimento e da angústia que isso causa e das consequências em termos de tratamentos incompletos, cirurgias adiadas e materiais de saúde escassos. Ele não pode esconder o fato de que seu objetivo, em sua consciência, é causar danos à população.

Senhor Presidente:

Nenhum governo deveria ter como política a tarefa de empobrecer e causar escassez em outra nação, muito menos em um país vizinho que não tem medidas em vigor contra o seu próprio país. Trata-se de uma punição coletiva proscrita pelo direito internacional e pelo direito humanitário internacional.

Entre as medidas para reforçar o bloqueio que se aplicaram nos últimos anos, a decisão dos EUA de incluir Cuba em uma lista do Departamento de Estado que classifica arbitrariamente os países como patrocinadores do terrorismo destaca-se por sua natureza caluniosa e pelos enormes danos econômicos e humanitários que indiretamente causa.

Em nítido contraste, persistem a tolerância e a indiferença do governo estadunidense em relação a indivíduos e grupos que organizam, financiam e realizam ações violentas e terroristas contra Cuba a partir do território estadunidense. Um exemplo disso foi a recente libertação pelas autoridades judiciais dos EUA de um indivíduo que, em 30 de abril de 2020, no meio da rua, disparou 32 cartuchos de munição de uma metralhadora contra a Embaixada de Cuba em Washington DC.

Essa listagem não tem legitimidade alguma. Tampouco contribui minimamente para o esforço internacional contra o terrorismo. É um instrumento de coerção política por meio de ações econômicas punitivas e ameaçadoras.

A presença de qualquer país nessa lista ativa automaticamente uma série de medidas coercitivas que, no caso de Cuba, se somam ao bloqueio já existente. Entre elas está a capacidade de intimidar instituições financeiras de outros países que temem represálias dos Estados Unidos caso mantenham relações com Cuba.

Desde o início do mandato do presidente Biden, 1.064 bancos estrangeiros se recusaram a prestar serviços a entidades cubanas por medo de multas dos EUA.

Os serviços bancários são negados aos nossos cidadãos em muitos países, simplesmente por serem cidadãos cubanos, o que é profundamente discriminatório.

Também é negado aos cidadãos de países que gozam desse privilégio o visto eletrônico expedito (ESTA) para entrar nos Estados Unidos só porque estão viajando para Cuba.

No ano passado, mais de 300.000 cidadãos europeus que visitaram Cuba tiveram esses vistos acelerados negados. Para ampliar o efeito intimidador, as listas de pessoas que tiveram o visto negado são divulgadas publicamente.

Os Estados Unidos buscam, por todos os meios, impedir a recuperação de Cuba, atingindo o turismo, uma importante fonte de renda. Eles acham que têm o direito de impor aos cidadãos de outras nações quais países eles não podem visitar, sob o risco de represálias.

Ele usa a liberdade de viagem de seus cidadãos e de outras nações como arma política. O governo dos Estados Unidos sabe muito bem que Cuba não patrocina nem tem vínculos com o terrorismo. A presença de nosso país nessa lista, além de ser totalmente injustificada, é um testemunho da falta de argumentos

políticos ou éticos para justificar a guerra econômica que nos impõem.

O atual presidente dos Estados Unidos herdou essa decisão nefasta tomada por seu antecessor nove dias antes de deixar a Casa Branca. Mas o presidente Biden tem toda a prerrogativa de assinar um documento a qualquer momento, deixando Cuba fora dessa lista espúria, onde nunca deveria ter estado. Seria a coisa moral e legalmente correta a se fazer.

A comunidade internacional reconhece amplamente que Cuba não é um país terrorista. Houve vários pronunciamentos de governos, partidos, parlamentos, movimentos de solidariedade, associações de cubanos residentes no exterior, organizações internacionais e iniciativas assinadas por ex-presidentes, congressistas norte-americanos, jornalistas e intelectuais exigindo a retirada de Cuba da lista de supostos patrocinadores estatais do terrorismo. Da mesma forma, lembramos a declaração assinada por 123 países com um propósito semelhante no âmbito do Conselho de Direitos Humanos.

Senhor Presidente:

Ao longo do último ano, o governo dos Estados Unidos anunciou medidas que apresenta ao público como supostas atenuações do bloqueio econômico. Ninguém deve se deixar enganar. Elas não são. Com um propósito político óbvio, ele proclamou exceções dentro do amplo conjunto de proibições e represálias para supostamente oferecer oportunidades para o setor privado da economia cubana.

Essa é uma medida estéril e enganosa. Nenhuma dessas medidas está de fato em vigor e não podem ser aplicadas.

O pequeno empresário privado em Cuba também sofre as consequências do bloqueio, como a população toda. As supostas oportunidades esbarram em regulamentos e proibições que estão feitas para paralisar a economia cubana.

O nosso governo promove o desenvolvimento harmonioso de todas as formas de gestão, pequenas e médias empresas privadas e estatais inclusive. Cuba é uma só e seu sistema empresarial também. EUA não tem o direito de interferir em nossa ordem constitucional e modelo econômico em transformação, nem se intrometer nos assuntos domésticos de nosso país, nem nos de outros.

O bloqueio econômico não é o único instrumento de agressão dos Estados Unidos contra Cuba. É acompanhado e se complementa com uma maquinaria poderosa, tóxica e financiada de guerra não convencional, desinformação sistemática, fomento da confusão, instigação à violência e a promoção da apatia, do pessimismo e da desconfiança.

Com essa operação de descrédito permanente, tratam cinicamente de responsabilizar o governo cubano pelo impacto que provoca, de maneira intencional, o cerco norte-americano contra nossa população, com finalidades de mudança de regime, dominação, colapso econômico, e explosão social, seguindo a mesma pauta do infame memorando do subsecretário de Estado Lestr Mallory, de 12 de abril de 1960, do qual citarei um trecho:

“A maioria dos cubanos apoia Castro. Não há uma oposição política efetiva... O único meio previsível é o desencanto e o descontentamento baseados na insatisfação econômica e nas dificuldades... Devem ser adotados rápido todos os meios possíveis para enfraquecer a vida econômica de Cuba... Uma linha de ação que, embora seja o mais hábil e discreta possível, avance para negar dinheiro e suprimentos a Cuba, reduzir os salários monetários e reais, provocar fome, desespero e a derrubada do regime”.

Até quando, Senhores? Deixem Cuba viver! Viver em paz! Let Cuba live! Let Cuba live in peace!

Senhor Presidente:

Dentro de poucos dias, haverá eleições presidenciais nos EUA. O governo que ganhar terá a oportunidade de decidir se continuar o enfoque que fracassou e as medidas desumanas das últimas seis décadas ou, finalmente, escuta, democraticamente, seu próprio povo e, também, a esmagadora maioria da comunidade internacional e permite a nosso país se desenvolver com seu potencial pleno e sua capacidade real.

Em qualquer caso, encontrará da parte de Cuba a firme determinação de defender seu direito soberano de construir um futuro próprio, independente, socialista, livre de interferência estrangeira e comprometida com a paz, o desenvolvimento sustentável, a justiça social e a solidariedade.

Da mesma forma, encontrará a disposição ao diálogo sério e responsável, avançar rumo a uma relação construtiva e civilizada, baseada na igualdade soberana, respeito mútuo, benefício recíproco para ambos os povos, cientes das diferenças políticas profundas entre nossos governos.

Nosso povo e governo apreciam e agradecem profundamente todas as expressões valiosas de apoio e solidariedade. A denúncia do bloqueio foi um dos temas mais mencionados no debate durante o recente segmento de alto nível da Assembleia Geral da ONU. Nenhum país apoiou a criminosa política imposta contra Cuba.

Eles exclamaram: Cuba is not alone!

Expressam, também essa frase, de maneira crescente dentro dos Estados Unidos, os cubanos que vivem aqui e seus descendentes inclusive.

Senhor Presidente:

Distintos Representantes Permanentes:

Estimados Delegados:

Desde 1992, esta Assembleia se pronunciou a favor da cessação do bloqueio. As razões que avalizam essa demanda são hoje tão válidas ou mais do que então.

Em breve, as telas eletrônicas da sala serão ligadas e os senhores, em representação de suas nações, registrarão a posição com relação ao bloqueio contra Cuba.

Com seus votos a favor, reafirmarão o direito de nosso povo e de todos os povos, de defender sua independência, soberania e livre determinação, sem interferência, nem intervenção estrangeira.

O apoio à nossa resolução lançará mensagem firme e clara chamada ao atual Presidente deste país e ao próximo, para que utilizem suas prerrogativas executivas e reparem a grave injustiça que se comete contra nosso povo.

A resolução não reclama aos EUA uma concessão a Cuba; não se pede um ato generoso, nem tratamento preferencial. Simplesmente, que cessem o abuso e a injustiça.

Cuba tem o direito de viver sem bloqueio! Os cubanos lhe dizem ao Presidente Biden: Tire o bloqueio!

Os desafios colossais não nos desanimam. Como expressara o Comandante em Chefe Fidel Castro Ruz: "Continuaremos resistindo as conseqüências do bloqueio. que algum dia será derrotado pela dignidade dos cubanos, a solidariedade dos povos e a quase absoluta oposição dos governos do mundo e também a crescente rejeição do povo norte-americano".

Fim da cita.

O apoio à resolução será, também, um reconhecimento justo à heróica resistência do nobre, digno e solidário povo cubano. Em seu nome, lhes peço com todo respeito que votem a favor do projeto intitulado “Necessidade de pôr FM ao bloqueio econômico, comercial e financeiro imposto pelos EUA a Cuba”.

Muito obrigado.

<https://www.radiohc.cu/index.php/pt/noticias/nacionales/368695-ministro-das-relacoes-exteriores-denuncia-impacto-do-bloqueio-dos-eua-no-povo-cubano>



Radio Habana Cuba